THOMAS HARTMANN

CAÇAU

Como interagem as forças do mercado II

O aumento dos preços mundiais é inevitável, mas contará com forte resistência dos compradores finais, cujo poder de fogo é imensamente superior ao dos produtores ou mesmo do comércio internacional.

O mercado mundial de cacau passou por duas fases. Na primeira, o setor contava com um grande número de agentes independentes (pequenas e médias indústrias de chocolate) e o custo da matéria-prima cacau era um fator de grande peso na formação do preço final do produto ao consumidor. Já na segunda fase, fatores econômicos provocaram uma forte concentração a um reduzido número de compradores, ao tempo em que o papel do cacau como fator de custo ficou relegado a plano secundário.

Estoques *versus* preços

A concentração da produção de chocolate em apenas meia dúzia de transnacionais gigantescas influiu sobre o equilíbrio oferta/demanda em dois aspectos fundamentais. Por um lado, a diminuição do número de fabricantes independentes, a modernização dos transportes e comunicações mundiais e a introdução de políticas centralizadas de programação de abastecimento reduziram a quantidade de cacau mantido em estoque pelos próprios fabricantes. Por outro, a centralização do poder de compra na mão de poucos compradores e a concorrência acirrada entre os comerciantes mundiais (*dealers*) para conseguir os contratos milionários desses compradores transferiram o domínio do mercado mundial, antes controlado pelos *dealers*, definitiva e totalmente para as transnacionais chocolateiras.

Com isso, a estrutura dos estoques mundiais – fator mais importante para determinar os níveis dos preços – se alterou profundamente.

Durante a primeira fase, grande parte dos estoques globais se encontrava em silos e armazéns de fabricantes de chocolate, que não raramente mantinham estoques físicos de 6-12 meses. Por conseqüência, a disponibilidade estatística era bem diferente da disponibilidade para comercialização. Da *stock ratio* em 1979/80, por exemplo, ligeiramente inferior a 0,40 (pouco menos de cinco meses do consumo mundial) apenas a parcela de 0,20 a 0,25 representava quantidades de fato disponíveis no mercado livre, pesando sobre a estrutura dos preços.

Já hoje, na segunda fase, com a *stock ratio* aproximadamente no mesmo nível de 1979/80, deve-se supor que 70-80% do estoque mundial ainda esteja disponível para venda, em poder de *dealers*, e pesando sobre o mercado. As indústrias de chocolate mantêm sua cobertura em contratos nas bolsas de futuros e jogam os *dealers* (que carregam quase todo o estoque físico) uns contra os outros para obter a máxima vantagem.

Na primeira fase, o índice de 0,40 era considerado limite crítico da *stock ratio*, abaixo do qual os preços mundiais reagiriam intensamente a qualquer alteração de disponibilidade. Hoje, esse limite provavelmente está em cerca de 0,30.

Entretanto, a redução da intensidade com que os estoques influem nos preços faz com que o mercado atrase sua reação a sinais de alerta de iminente escassez. São necessários vários anos antes de a produção mundial começar a reagir a aumentos do preço. Se nas atuais circunstâncias a alta só tiver início quando os estoques já estiverem abaixo de 30% do consumo, a reação da produção poderá chegar tarde demais para evitar uma crise aguda de suprimento, só experimentada durante a II Guerra Mundial, quando a marinha alemã impedia a navegação das áreas produtoras para os centros de consumo.

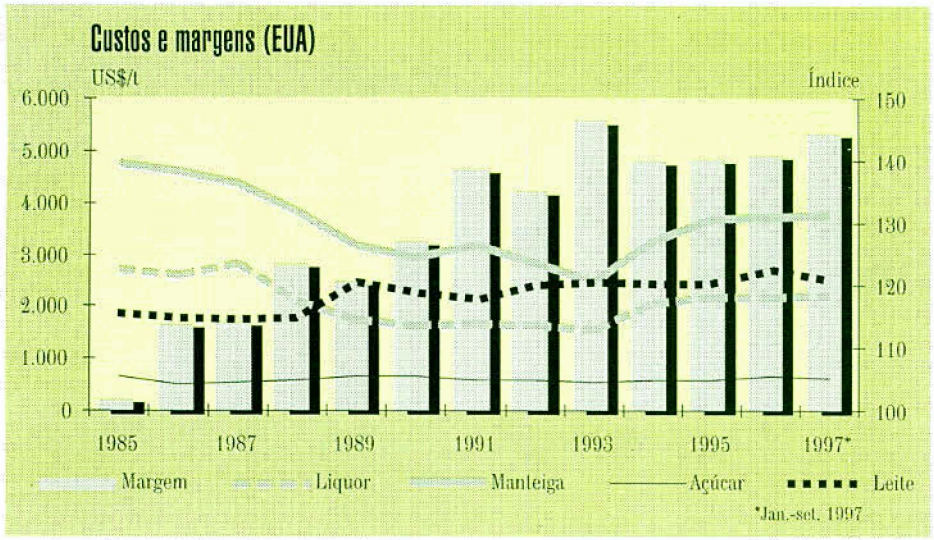
Conjuntura atual

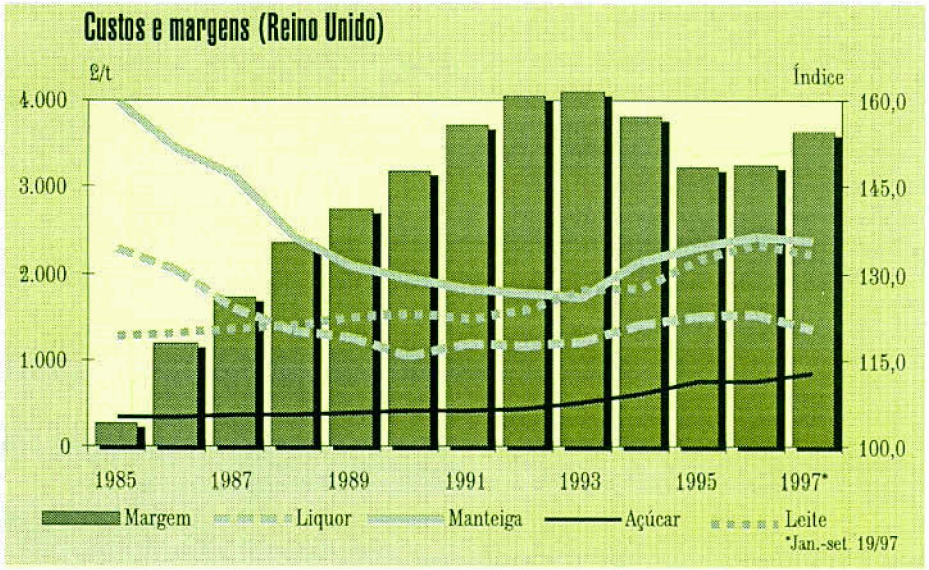
Resumindo, a atual situação do mercado de cacau é caracterizada pelos seguintes elementos essenciais:

1. Término de um longo período de excedentes mundiais, motivo da depressão dos preços.
2. Estabilização da produção mundial, com um restrito potencial de crescimento estrutural.
3. Aumento continuado do consumo, impulsionado pelo crescimento de mercados até agora secundários (Mercosul) e a abertura potencial de novos mercados (China).
4. Conseqüente redução progressiva dos estoques, podendo levar à escassez do produto.
5. Domínio virtualmente absoluto do mercado por apenas seis compradores finais, as fábricas transnacionais de chocolate.
6. Capacidade da indústria chocolateira de alterar substancialmente as quantidades do cacau consumido, sem reflexos sobre o volume de produção de chocolate.
7. Redução do peso do item cacau na composição dos custos da indústria chocolateira.
8. Significado minguante dos níveis dos estoques mundiais sobre a estrutura dos preços, de vez que hoje a maior parte desses estoques continua livremente disponível no mercado.

A conclusão imediata deste quadro é que o aumento dos preços mundiais é inevitável, mas contará com forte resistência dos compradores finais, cujo poder de fogo é imensamente superior ao dos produtores ou mesmo do comércio internacional. Por outro lado, uma alta, mesmo substancial, poderia ser absorvida sem grande prejuízo à rentabilidade do ramo.

Com base nesta conclusão, a primeira previsão seria de uma elevação lenta e gradual dos preços ao longo dos próximos anos. Esta, de fato, é uma das possibilidades. Entretanto, ela não é a única, dada a existência de quatro fatores até agora não mencionados:





Ainda que, do atual estoque mundial de 1.100 mil toneladas, apenas 20% estejam indisponíveis, em poder de fabricantes, outras 550-650 mil pertencem a um único *dealer* (Phibro), empenhado (até agora com sucesso) em uma das maiores manipulações já tentadas no mercado de cacau. Com esta quantidade não prontamente disponível, o estoque realmente livre é baixíssimo. Isto não significa que o mercado esteja a ponto de explodir. A Phibro também é fornecedora dos grandes chocolateiros, com os quais lhe interessa manter boas relações, mas seu lucro varia em função dos preços e não lhe falta poder de fogo para cuidar de seus interesses.

Nos últimos anos, o clima nos países africanos tem sido favorável, como também na Ásia, com a única exceção de 1994/95. Foi péssimo no Brasil, mas isso pouco influi no mercado, dada nossa atual insignificância como exportador. Pela lei da probabilidade, seqüências de eventos favoráveis serão necessariamente seguidas por outras adversas e um quadro de clima adverso na África produzirá efeitos desastrosos. Na safra de 1982/83, a produção africana caiu 19% em relação ao ano anterior, graças ao efeito El Niño. Em 1989/90 houve outra queda de 8,5%, igualmente em função de clima desfavorável e mais outra de 14% em 1991/92, pelo mesmo motivo. Neste ano, El Niño já devastou as safras de cacau da Malásia e da Indonésia, mesmo sem atingir a África, e deverá causar um déficit estimado entre 200 e 300 mil toneladas no corrente ano agrícola. Independentemente do clima, este déficit previsivelmente crescerá à razão de 50-100 mil toneladas por ano subseqüente, em função da defasagem entre a expansão do consumo e a da produção. Embora El Niño não tenha atingido a atual safra africana, há quem tema seus efeitos sobre a safra 1998/99.

Na primeira fase da história do mercado, o papel do comprador de cacau era de tamanha importância que normalmente cabia a membros da alta diretoria das grandes fábricas de chocolate. Profundos conhecedores do mercado mundial, eles acompanhavam passo a passo todas as suas evoluções e tendências. Por isso estavam aptos a reagir com antecedência a alterações na estrutura mundial, fazendo com que suas empresas saíssem apenas chamuscadas da crise dos preços em 1977/79, que tragou a maior parte das indústrias menores.

Atualmente, dada a menor importância do cacau como fator de custo, sua política de compras geralmente é controlada pela divisão financeira das empresas. Poucos compradores tentam antecipar as tendências do mercado. Sabendo-se que aumentos da produção mundial em função de estímulos de preço levarão vários anos a se realizar, o adiamento da alta do mercado poderá ter efeitos desastrosos sobre o suprimento mundial de cacau antes de chegarmos ao ano 2000.

A indústria chocolateira do mundo inteiro está passando por uma fase de lucros altos jamais experimentada. A racionalização de seus processos, graças à globalização e informatização de suas atividades, conduziu a grandes economias de custo, ao tempo em que várias matérias-primas além do cacau passam por fases de preços baixos. Por outro lado, a expansão do consumo mundial de chocolate e a concentração do mercado provocaram uma elevação exponencial no volume de vendas de cada uma das grandes empresas individuais. Como conseqüência, as margens da atividade mostram um quadro exuberante, como mostram os gráficos. Com isso, o setor não só tem todo interesse em manter alto seu volume de produção e vendas, como também possui amplas reservas para absorver aumentos de custo, sem sofrer abalo econômico.

A elevação paulatina dos preços internacionais não é o mais provável dos cenários. Embora a matéria-prima cacau seja hoje um componente menor do artigo chocolate, é absolutamente indispensável para seu preparo. Sem cacau, não existe chocolate.

Cacauicultor e consultor de empresas. Titular da Coluna de Cacau, publicada semanalmente no suplemento agrícola do jornal A Tarde, *de Salvador.*
E-mail: cacauth@svn.com.br